

“Caindo na Vida”: Vivência e Corporeidade Travesti na Perspectiva Fenomenológica

*Edmar Henrique Dairell Davi**

*Maria Alves de Toledo Bruns**

Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil

RESUMO

Este texto objetiva compreender os significados e os sentidos que três travestis atribuem ao processo de transformação corporal. As travestis modificam seus corpos através de aplicações de silicone, ingestão de hormônios, dentre outras práticas. A fim de compreender este fenômeno, buscamos nas discussões do filósofo Maurice Merleau-Ponty e no método fenomenológico o suporte para analisarmos a vivência de nossas colaboradoras: travestis pertencentes à classe D e com idade média de 30 anos. Nossa análise compreensiva apontou três categorias: “Vivências iniciais”; “Fazendo o corpo” e “O mundo-vida travesti”. Estas categorias nos viabilizaram compreender a corporeidade travesti como o substrato de uma subjetividade peculiar que se equilibra entre o feminino e o masculino, a dor e o prazer.

Palavras-chave: mundo-vida travesti; corpo; fenomenologia; Merleau-Ponty.

ABSTRACT

“Falling into Transvestility”:

A Phenomenological Perspective of the Transvestite Experience and Corporality

This paper aims to understand the meanings and senses that three transvestites attribute to the process of body transformation. Transvestites submit themselves to silicone implants, hormone administration among other practices in order to transform their body. We find in the discussions of philosopher Maurice Merleau-Ponty and in the phenomenological method the support for analyzing the experiences of our three collaborators, who are 30 on average and belong to class D. Our comprehensive analysis indicated three categories: “Initial experience”; “Building the body” and “The transvestite life world”. These categories enabled us to view the transvestite corporality as a substratum of a peculiar and subversive subjectivity that is balanced between the feminine and the masculine, the pain and the pleasure.

Keywords: transvestite life-world; body; phenomenology; Merleau-Ponty.

Este texto tem o objetivo de compreender os significados e os sentidos que três travestis atribuem ao processo de transformação corporal. Discutir o status que o corpo assume em nossa sociedade contemporânea parece ser uma questão fundamental para o campo da psicologia. O culto ao corpo e a valorização das intervenções estéticas mostram-se como características de nosso *ethos* e se fundamentam na busca diária pela saúde e pela juventude, dentre outros aspectos (Dantas, 2011).

Para refletir sobre a corporeidade atual, é preciso tomar o corpo como um espaço simbólico que assumiu a primazia na construção de nossa subjetividade (Ortega, 2008). Isto implica o reconhecimento de que nossa corporeidade vai além dos aspectos biológicos e orgânicos e que está mergulhada em um contexto histórico-cultural o qual dá sentido aos diversos ajustamentos técnicos, aos aparatos medicamentosos e aos procedimentos cirúrgicos utilizados pelas pessoas (Nóbrega, 2010).

* Endereço para correspondência: Edmar Henrique Dairell Davi – edmardavi@yahoo.com.br

* Endereço para correspondência: Maria Alves de Toledo Bruns – toledobrun@uol.com.br

A perspectiva tecnológica “objetifica” nosso corpo transformando-o em rascunho a ser modificado e/ou melhorado a partir das intervenções da ciência incorporadas nas ações médicas (Ortega, 2008). Mas será o corpo uma coisa entre as coisas, uma máquina de músculos e nervos ligados por relações bioquímicas e condicionamentos exteriores?

A CORPOREIDADE EM MERLEAU-PONTY

Maurice Merleau-Ponty (2006) questiona as perspectivas que delimitam o somático como sendo apenas aquilo que é estudado pelo método científico natural e assinala que, deste modo, o corpo humano é compreendido de maneira equivalente a qualquer objeto da natureza, visando a objetificação, a mensurabilidade e a manipulação. É preciso questionar esse ponto de vista e considerar o corpo como meio de nossa comunicação com o mundo. Não somos seres que possuem um corpo, somos seres encarnados que têm na corporeidade a chave de expressão de suas vivências.

O autor busca compreender o corpo não como justaposição de partes distintas, ou entender o espírito como senhor do corpo, mas compreender ambos como sendo um, expressando-se na corporeidade. “[...] o sujeito que eu sou, tomado concretamente, é inseparável deste corpo aqui e deste mundo aqui” (Merleau-Ponty, 2006, p. 467).

Em Merleau-Ponty (2006), o corpo assume um papel importante na relação do sujeito com o mundo, na medida em que não existe para o autor uma substância pensante separada da substância corpórea, como afirmava Descartes. Conhecemos o mundo através do corpo e dessa maneira torna-se necessário compreender a experiência que temos do corpo para, assim, colocar em evidência a gênese do ser para nós. O homem é a própria gênese do ser na sua relação com o mundo e o corpo é o lugar dessa apropriação.

Em sua obra *Fenomenologia da Percepção*, o filósofo iniciou a exploração do corpo vivido analisando a sua espacialidade e a sua motricidade – duas dimensões fundamentais para constituir o que o autor chamou de corpo fenomenal. Este corpo fenomenal é dado na relação vivida com o sistema natural do corpo próprio. É assim que um sujeito posto diante de uma atividade familiar não precisa procurar seus dedos ou suas mãos, pois estes não são objetos a se encontrar no espaço objetivo. Músculos, ossos e nervos são

potências já mobilizadas na percepção dos objetos a serem utilizados no trabalho. Vemos que os objetos definem certa situação, que exige certo modo de resolução. “Ser no mundo implica em manter em torno de si um sistema de significações cujas correspondências, relações e participações não precisam ser explicitadas para ser utilizadas” (Merleau-Ponty, 2006, p. 181). Da mesma forma, a despeito do que dizem nossos sentidos, podemos sentir o espaço do corpo ampliado ou reduzido. Essa presença e extensão afetivas do espaço corporal não encontram significado na espacialidade objetiva. O que nossa relação vivida com o corpo próprio nos dá é um corpo fenomenal. Quando nos movemos, é esse corpo que se agita e não um corpo objetivo, como um objeto entre outros no mundo. Para Merleau-Ponty, o corpo fenomenal é sempre outra coisa que aquilo que ele é, sempre sexualidade ao mesmo tempo que liberdade, enraizado na natureza no próprio momento em que se transforma pela cultura, nunca fechado em si mesmo e nunca ultrapassado. Quer se trate do corpo do outro ou do meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo, quer dizer, retomar por minha conta o drama que o transpassa e confundir-me com ele (Merleau-Ponty, 2006, p. 269).

Dessa perspectiva, o corpo nos dá o mundo conforme sinaliza sua espacialidade, mas este mundo não se equipara ao espaço objetivo investido por nossa intencionalidade. O homem não está em seu mundo circundante como um objeto dentro de uma caixa ou um animal em uma jaula, mas habita este mundo que para ele se abre com diversas possibilidades. “Nossa relação com o mundo é a da intercorporeidade, fundadora da intersubjetividade e fundada por ela numa troca e num cruzamento intermináveis: os outros não são coisas nem partes da paisagem, são nossos semelhantes” (Chauí, 2002, p. 274). Desse modo, não estamos *no* mundo, mas somos *do* e *com* o mundo. Constituímos nosso mundo-vida a partir dos sentidos e significados que atribuímos aos objetos ao nosso redor.

Uma consequência disto é a constatação de que o espaço que nos circunda não é simplesmente um espaço físico, mas um espaço investido por nosso corpo: mesmo uma criança que não tenha ainda consciência de seu corpo se move em direção às coisas (Merleau-Ponty, 2006).

Isto nos indica certo poder do corpo em suas ações possíveis diante do mundo: “meu corpo tem poder

sobre o mundo quando minha percepção me oferece um espetáculo tão variado e tão claramente articulado quanto possível, e quando minhas intenções motoras, desdobrando-se, recebem do mundo as respostas que esperam” (Merleau-Ponty, 2006, p. 289). O corpo para Merleau-Ponty tem uma intencionalidade própria, o que o capacita a habitar todos os meios do mundo num comércio originário pré-reflexivo, o que demonstra que não se trata de uma abertura da consciência enquanto “eu penso que”, mas um “eu posso”.

É esta “possibilidade”, este “poder de virtualidade” que Merleau-Ponty considera fundamental e o que diferencia o corpo fenomenal da visão biológica e mecanicista. Merleau-Ponty (2006) demonstra que o comportamento humano é solidário ao reino do possível. É este o sentido da “abertura ao mundo” ou o modo próprio humano de frequentar o mundo: “o homem não só tem um mundo, não só está numa relação molar, mas está aberto a um mundo pelo poder que tem de agir sob ele de modo possível: o que importa é o modo que se faz o uso do corpo, pois o ‘equipamento psicofisiológico’ deixa abertas diversas possibilidades” (Merleau-Ponty, 2006, p. 220).

O universo travesti

Para Marilena Chauí (2002), o mundo humano é simbólico e as ações humanas, quando livres, têm o poder de transcender uma situação dada, por outra que lhe confere significação. Nesta perspectiva, refletimos sobre o corpo travesti que subverte os padrões de gênero na busca de um ideal de beleza e alcança visibilidade na sociedade hodierna. As travestis modificam seus corpos através de cirurgias plásticas, aplicações de silicone, ingestão de hormônios, dentre outras práticas. Elas se apropriam do conhecimento médico e utilizam, a seu modo, remédios, próteses e instrumentos cirúrgicos promovendo o autocuidado e a autome-dicação (Benedetti, 2005). Essa trajetória, já explicitada por Dantas (2011), se expressa não só pelas intervenções estéticas que vêm sendo altamente valorizadas pelo paradigma da visibilidade, mas também pelo mercado de consumo apreciado pelas travestis de modo a atenderem as exigências de seus clientes.

Consideradas seres marginais por romperem com limites dos gêneros, as travestis são vistas como pessoas abjetas, delinquentes, doentes, dentre outras representações negativas (Pelúcio, 2009). No entanto, além do mercado do sexo, a partir da organização de

movimentos sociais e do aumento da conscientização da população LGBTT – lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis, aquelas pessoas vistas como marginais começaram a adquirir novo status social. Ainda que de forma incipiente, podemos observar, por exemplo, a existência de travestis trabalhando em instituições de ensino, ocupando cargos públicos etc.

Embora existam diferentes exemplos da ruptura das travestis com a prostituição (Benedetti, 2005), no Brasil, elas ainda encontram nas ruas e avenidas o lugar para construção do seu mundo-vida. Para Larissa Pelúcio (2009), é na “pista” que ocorre, por exemplo, o processo de amadrinamento, que potencializa as transformações realizadas no fazer-se travesti.

Ainda conforme a autora, a prostituição no caso das travestis pode ser entendida de diversas formas, entre as quais como: (1) um trabalho, que gera renda e possibilita um ambiente de sociabilidade; (2) uma maneira de ascender socialmente com a garantia de conquistas materiais e simbólicas; (3) uma atividade “desprestigiada”, em que estariam envolvidas somente por necessidade financeira e da qual sairiam assim que possível. É importante ressaltar, ainda, que tais posicionamentos não são estanques e/ou definitivos e sim percepções que se entrecruzam e dialogam.

O fenômeno travesti ganha novos contornos no *ethos* contemporâneo. E neste sentido, Willian Peres (2004) cria o termo *travestilidade* em oposição a travestismo. Para o autor, esse termo contempla “a imensa complexidade das formas de expressão travesti existentes, considerando a heterogeneidade dos modos de ser no mundo que é configurado pela subcultura travesti” (Peres, 2004, p. 120).

A travestilidade compreende a utilização de um complexo sistema de *techniques du corps* (Le Breton, 2011) para a aquisição de um novo corpo e, conseqüentemente, de uma nova identidade. Sua mobilidade em diferentes esferas do gênero e da sexualidade permite às travestis transitar por uma multiplicidade de discursos sobre as posições de sujeito disponíveis na sociedade.

O corpo travesti é modelado detalhadamente para adquirir características associadas às mulheres e torna-se, assim, um projeto sobre o qual suas identidades são ressignificadas constantemente. Da maneira de mexer nos cabelos às curvas de seus corpos, as travestis ostentam um complexo sistema de técnicas para a construção do feminino. Além disso, é o processo de

fabricação de corpos e gêneros que ocupa as travestis durante toda a sua vida: “Ser travesti é um processo, não se encerra nunca” (Pelúcio, 2009, p. 224).

O olhar fenomenológico sobre o corpo travesti

A fenomenologia enquanto corrente filosófica se preocupa em entender os sentidos e os significados que as pessoas atribuem às coisas uma vez que os sujeitos não se dirigem direta e simplesmente às coisas em sua mera presentidade, mas mediadas pela trama de significados em que as coisas vão se enredando ao aparecer (Chauí, 2002). Neste sentido, nos interrogamos: Quais os significados que as travestis atribuem ao seu processo de transformação corporal? Como fazem para suportar a dor das aplicações de silicone? Como lidam com os riscos e as consequências dessas injeções? Será elas fazem isso apenas pelo dinheiro?

Nos últimos anos surgiram várias pesquisas sobre a construção do corpo pelas travestis (Benedetti, 2005; Kulick, 2008). Principalmente, depois do aumento do número de mortes decorrentes do uso de silicone industrial entre outras substâncias. No mercado concorrido da prostituição, elas têm que buscar diferentes meios para reduzir os aspectos ligados ao masculino, como a barba, a voz, a calvície etc. e também lidar com o avanço da idade, a falta de recursos, a violência etc. O acesso e o uso do silicone pelas travestis ganha importância uma vez que a ingestão de hormônios tem efeitos limitados. “Fazer o corpo” e “plastificá-lo” é imprescindível para quem quer sobreviver no mercado do sexo. O silicone age mais rápido, dá mais volume ao corpo, mas tem seus riscos e custos. A prática de “bombear”, que consiste na aplicação de silicone líquido através de seringas, é recorrente e realizada por travestis mais experientes, muitas vezes sem as condições de higiene adequadas (Benedetti, 2005). As “bombadeiras” fazem uso de técnicas que misturam o saber médico, apreendido de outras travestis e farmacêuticos, com aspectos da “medicina popular”.

A “dor da beleza” vivenciada na “bombação” é percebida como algo necessário. Os significados presentes neste mundo-vida travesti são baseados na transformação dos corpos e resumidos na seguinte expressão: “uma travesti é respeitada de acordo com o número de litros de silicone que carrega em seu corpo” (Pelúcio, 2009, p. 89). Para as travestis, a transformação não atende ao objetivo de serem apenas

mulheres, mas *mulheríssimas*; isto é, elas buscam implantar em seus corpos o feminino idealizado e copiado das atrizes de cinema e estrelas de TV.

Assim, travestis ressignificam e transformam seus corpos através de intervenções profundas e, muitas vezes, permanentes. Mas, no contato com o mundo, elas também criam novos sentidos para sua corporeidade e sua condição *trans*. Nosso objetivo é, pois, compreender os significados que três travestis atribuem ao processo de construção de sua corporeidade. Na perspectiva de compreendê-lo em sua complexidade, buscamos a interlocução com as próprias travestis para desvelá-lo. No caminhar dessa pesquisa, reafirmamos nosso apoio na perspectiva merleau-pontyana do corpo fenomenal, na medida em que ela nos oferece uma visão significativa acerca da experiência humana e, em particular do mundo-vida das travestis.

MÉTODO

Na presente pesquisa, optamos por adotar o pensamento fenomenológico como guia na aproximação à experiência vivida das travestis no processo de transformação corporal. A opção pela fenomenologia se deve à assunção de uma atitude com valor de método que pode proporcionar uma visão íntima e ampla da realidade humana com grande abrangência para acolher o vivido (Holanda, 2009). A fenomenologia é um método e como tal nos permite o acesso livre ao mundo, aos fenômenos e à própria constituição do sujeito que acessa e interage com o mundo.

A opção por um método pressupõe uma questão a ser resolvida e envolve determinada concepção ou suposição de realidade, ainda que provisória. Não é possível se falar de método desvinculado do fenômeno de estudo (Furlan, 2008). Nesse sentido, nossa escolha traduz uma posição em termos epistemológicos e um método de inspiração fenomenológica parece o mais adequado quando se pretende investigar e conhecer a experiência do outro, uma vez que o ato do sujeito de contar a sua experiência não se restringe a dar a conhecer os fatos e acontecimentos da sua vida, mas significa, além de tudo, uma forma de existir com-o-outro; significa com-partilhar o seu ser-com-o-outro (Dutra, 2002).

Por ser a fenomenologia um discurso esclarecedor, optamos pela técnica da história de vida focal, guiada por uma questão única, numa linguagem comum à compreensão do fenômeno, como estratégia de pes-

quisa para desvelarmos a vivência de três travestis e compreender o processo de transformação de seus corpos.

É importante ressaltar que a história de vida focal é uma modalidade da história oral em que o informante tem maior liberdade para dissertar livremente sobre suas experiências vividas, o que vai ao encontro do objetivo de nossa pesquisa. Para Daniel Moreira (2004), o método da história de vida focal investiga a visão da pessoa acerca das suas experiências subjetivas de certas situações inseridas em algum período de tempo de interesse ou se refere a algum evento ou série de eventos que possa ter tido algum significado para o respondente. O colaborador faz uma descrição de sua vida ou de alguma parte dela.

Procedimentos

Entramos em contato com as colaboradoras, para quem foi entregue uma carta apresentando o objetivo da pesquisa e solicitando o agendamento da entrevista. Esta foi precedida da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que autoriza sua gravação. Também foi aplicado um questionário para traçar o perfil socioeconômico das participantes (ABEP, 2011). As entrevistas tiveram a duração média de 60 minutos. Para um maior aprofundamento da experiência pessoal das entrevistadas em relação ao fenômeno estudado, iniciamos com a questão orientadora: *Fale da sua vivência afetivo-sexual em relação ao processo de transformação de seu corpo no decorrer de sua vivência travesti*. Os encontros foram realizados na sede de uma ONG de apoio à população LGBTT, localizada numa cidade do interior do Estado de Minas Gerais.

Participantes

As colaboradoras desta pesquisa foram três travestis frequentadoras das reuniões da citada ONG de apoio à população LGBTT. Os critérios para a inclusão das participantes na investigação foram: aceitar participar da pesquisa e ser travesti que tenha passado pelo processo de transformação corporal – seja pelo uso de hormônios e/ou pela aplicação de silicone.

A seguir, apresentamos o perfil socioeconômico das colaboradoras. Antes, no entanto, é preciso esclarecer que optamos pelo uso de pseudônimos a fim de preservar as colaboradoras. Esclarecemos, ainda, que

o motivo pelo qual nos dirigimos a *elas* no feminino se deve ao fato de se sentirem e se definirem a partir deste gênero.

A primeira colaboradora entrevistada é Érika, travesti de 35 anos, religião espírita que vive com sua mãe. Pertence à classe D, cursou o ensino fundamental e atua como profissional do sexo há quase vinte anos. A segunda, Tatiana, é uma travesti de 28 anos com ensino médio completo, de religião espírita e pertencente à classe C. Ela se apresentou como uma ex-profissional do sexo que já passou por diferentes países da Europa. Atualmente, trabalha como auxiliar de cozinha em um *buffet*. Nossa terceira colaboradora é Vanessa, uma travesti alta e magra de 27 anos. Pertence à classe D, é católica, cursou o ensino médio, foi profissional do sexo e hoje também atua como auxiliar de cozinha.

Momentos da análise

As descrições das colaboradoras foram submetidas ao processo da análise fenomenológica que, segundo Bruns (2007), ocorre em quatro momentos.

O primeiro momento caracteriza-se pela transcrição das entrevistas e leitura ampla de todas as descrições, do início ao fim, com o objetivo de apreender o sentido geral do fenômeno estudado. O segundo momento é marcado pela intenção de caminhar para a elaboração da discriminação das unidades de significado, as quais são extraídas após a releitura de cada depoimento, tendo em vista que não existem por si mesmas, mas somente em relação à interrogação que o pesquisador dirige ao fenômeno. O terceiro momento diferencia-se pelo seguinte aspecto: após a obtenção das unidades de significado, o pesquisador busca agrupá-las em temas ou categorias que expressam o *insight* psicológico nelas contido; ou seja, é a transformação da linguagem coloquial da entrevistada no discurso psicológico. Nesta etapa, cabe ao pesquisador escolher a abordagem teórica que utilizará para analisar o fenômeno. O quarto e último momento baseia-se na integração dos *insights* contidos em todas as unidades de significado, as quais podem ser agrupadas em temas ou categorias em função das convergências e/ou divergências dos significados atribuídos pelas informantes e que constituem os aspectos essenciais da estrutura compreensiva geral do fenômeno em questão.

RESULTADOS

Categorias de análise

De posse dos depoimentos, a partir dos passos já apresentados anteriormente para o acesso ao fenômeno e da análise compreensiva que nos possibilitou o encontro das convergências presentes nos discursos, elegemos as seguintes categorias:

Categoria 1 – vivências iniciais: nesta categoria, as colaboradoras relataram os momentos e as maneiras como vivenciaram suas primeiras experiências afetivo-sexuais e as questões do processo de transformação do corpo.

Categoria 2 – Fazendo o corpo: nesta categoria, deparamo-nos com as experiências vividas pelas colaboradoras durante o processo de transformação do corpo de maneira mais radical, com o uso de hormônios e/ou silicone. Temos, aqui, 02 subcategorias: **Hormonização e Plastificando o corpo.**

Categoria 3 – O mundo-vida travesti: nesta categoria, as colaboradoras revelam como a corporeidade travesti também é moldada e constituída na experiência da prostituição e pelos diversos elementos que compõe este universo.

Análise compreensiva

As entrevistas foram analisadas conjuntamente e demonstramos as convergências e divergências dos depoimentos que formam as categorias de análise. Desse modo, passamos à discussão da primeira categoria: **vivências iniciais.**

Então, esse negócio da transformação acho assim que começou quando eu tinha assim uns quatorze anos. Eu brincava muito com meus primos, eu já gostava de homem na época, né. Aí a gente começa a brincar com os primos da gente, aí vai dando aquelas coisas, vai sentindo aquelas coisas, você sabe como é que é, né, vem aquele tesão pelos meninos, né, [risos]. Então vem aquele tesão, uma vontade forte, né. E você fica doida, mas tem que controlar, sabe como é que é. Aquela vontade cresce junto com você. Aí quando eu vi por mim já tava com dezoito anos, já vestido de mulher, né. Cabelo grande, descolori as pernas, os braços, essas coisas de mulher. (Érika)

[...] eu já cresci assim, sabe, eu nunca tive junto dos meninos, fui criada junto com as minha irmãs desde pequena, então, aquilo já vem desde criança. A vontade de mudar o corpo e de ser diferente veio desde

criancinha. Você olha uma menina e quer ser como ela. Aí coloca uma pulseira, um sapato. As minhas irmãs me pintavam, faziam de tudo comigo, né. Eu era a boneca delas [risos]. A barbiezinha. Meus pais não ligavam pra isso, achavam que essa brincadeira não daria problema, né! Mas deu, né. Olha o viado que eu virei [risos]. Aos treze anos já me descobri. Aí você quer mais coisas diferentes, não quer o sapato da irmã, nem a blusa. Você quer a sua calça, a blusinha apertada, sua maquiagem. E nesse processo, aos quatorze eu já era travesti. (Tatiana)

Ah!, eu comecei a me transformar eu tinha treze anos de idade. É uma opção que quando a gente tem a gente quer mostrar. Experimenta um sapato, maquiagem. Põe um vestido, essas coisas de conhecer como é que é. A gente esconde da família, mas depois, né, não consegue ficar escondida por muito tempo. Porque pai aceita, mãe acolhe, né. Acho que todas passam por isso, não só eu. Minha vida não foi fácil. Eu lembro que na minha época foi muita agressão. Faz um bom tempo isso. Depois o pessoal acostuma. (Vanessa)

Observamos nesses relatos que a vontade de se travestir aparece nas fases iniciais do desenvolvimento: infância e pré-adolescência. Para as jovens travestis, as regras que separam os gêneros não são tão rígidas como aquelas que os adultos experimentam. Muitas vezes, o travestir-se faz parte de jogos e brincadeiras. Podemos observar que, enquanto crianças, nossas colaboradoras interagem com o mundo de forma natural, colocando nas situações seu próprio corpo sem pressupostos generificados, permitindo-se a interação e a experiência, buscando as sensações que estas lhe causam. A criança, na perspectiva merleau-pontyana, experimenta a lógica da percepção sensível, do sentido a partir da experiência, fato que dificulta sua capacidade de perceber os objetos como tendo um valor determinado pelo mundo adulto. Somente quando mais velha, é que nossas colaboradoras puderam avaliar suas primeiras experiências tendo como parâmetros as questões afetivo-sexuais e de gênero.

Vanessa fala das dificuldades de assumir sua condição para a família e da violência que sofreu. Enquanto Tatiana brinca que sua travestilidade constituiu um “erro”, pois seu gênero difere daquilo que é esperado para o seu sexo. Érika experimenta o desejo pelos meninos e fala da dificuldade de lidar com sua homoafetividade: “E você fica doida, mas tem que controlar, sabe como é que é”.

Pelúcio (2009) considera que para as travestis é como se, internamente, não houvesse escapatória,

ainda que seguir esse “destino” venha a significar um confronto com as normas socialmente estabelecidas: causar problemas, trazer confusão para os pais. Desta forma, pode-se entender o “se transformar” como externalização de um imperativo “ser”.

Para Merleau-Ponty (2006), a sexualidade faz parte do ser humano como a temporalidade, a espacialidade e a motricidade. Nossa existência tem no desejo sexual uma “atmosfera”, uma forma de expressão de nossa integralidade, o que pode ser observado no relato de Érika: “Aquele vontade cresce junto com você”. Neste sentido, a sexualidade está intimamente entrelaçada à existência, é coextensiva à vida. “A sexualidade esconde-se a si mesma sob uma máscara de generalidade, sem cessar ela tenta escapar à tensão e ao drama que ela institui” (Merleau-Ponty, 2006, p. 232).

O desejo sexual é uma maneira, entre outras, de o corpo se relacionar com o mundo e com as pessoas. A partir desta relação é que se constitui a subjetividade e o modo de ser-para-o-outro, numa dialética que vai modelando a vivência da sexualidade de nossas colaboradoras. Como nos relata Vanessa: “É uma opção que quando a gente tem a gente quer mostrar”.

As histórias de vida de nossas colaboradoras se assemelham com as trajetórias de outras travestis que, muitas vezes, começam com o sentimento de “ser diferente” ou de possuírem um “desejo diferente”. Essa sensação é descrita, em muitos casos, como uma inadequação de comportamento, isto é, de não cumprimento do roteiro esperado para um menino. As travestis costumam identificar, ainda na infância, essa “sensação”, que vem marcada pelo interesse pelo mundo feminino, o gosto pelas roupas e jogos das meninas e por uma atração sexual pelos meninos (Dunque, 2011).

Ao assumirem sua condição de travestis e de passarem pelas vivências iniciais, nossas colaboradoras precisam dar outro passo rumo à constituição de sua travestilidade. Neste sentido a **hormonização** é uma etapa importante dentro do processo de **fazer o corpo**:

Porque desde os dezoito anos eu já tomava hormônio, né. Como demorei pra tomar, não ficou como as meninas de hoje, né. Num fica tão bom quando você tá mais velha, né. Mas você quer ficar feminina, e sem o hormônio é difícil. Fazer os tratamento direito, usar produto bom pra pele, pro cabelo. Quando eu comecei a tomar hormônio meu pai nem sabia ainda. Quando meus peito cresceu que ele ficou sabendo. Ele me perguntou e eu contei pra ele a ver-

dade. [...] Eu tomei hormônio até os vinte e oito anos, tive de parar porque tem o risco de brochar né, o pinto da gente fica meio, como eu falo [risos], meio mole né. (Erika)

Comecei a tomar hormônio, desenvolver o corpo, o cabelo foi crescendo, os traços mais femininos. As outras meninas te explicam onde comprar, como tomar. A marca que é boa pra tirar o macho que tem dentro de você. Tem que começar novinha né. Pra não ficar com o chuchu [barba] grosso difícil de fazer. E o melhor de tudo é o jeito feminino que você passa a ter. Têm algumas meninas que ficam super afetadas pelo remédio. No meu caso, foi bom por causa dos seios que cresceram e aí todo mundo passa a te olhar, né. (Tatiana)

Então, eu comecei a me vestir como mulher aos dezessete anos. Comprei roupas pra mim. Comprei cabelo num salão pra ficar assim bem feminina. Fiz aplique, entendeu? E hoje é natural, como o resto do meu corpo [risos]. Só que o cabelo... deixa eu contar bicha [se referindo a outra travesti]. Então, o cabelo eu perdi numa briga. Era um cabelo comprido aqui nas costas [faz o gesto], aí eu impliquei com uma mona que me deu a neuza [roubar] num dinheiro e ela arrancou. Estragou. Perdi o cabelo, perdi o dinheiro duas vezes. É isso. ... E daí eu comecei a tomar hormônio três anos, sempre tomei. Mas aí muda com o tempo. O hormônio é limitado e tem efeito. (Vanessa)

Nesta categoria, nossas colaboradoras relatam o uso dos hormônios e da incorporação dos aspectos femininos em sua corporeidade. Mas também, nos informam da luta para manter distantes os aspectos masculinos que existem dentro delas. Como a feminilidade “natural” não está ao alcance das travestis, elas precisam empregar meios artificiais para obtê-la, intervindo cada vez mais cedo no corpo. Para Kulick (2008), essa ambivalência as deixa inseguras a respeito da própria aparência e suscetíveis a acusações de que não passam de cópias imperfeitas do feminino “natural”. Por isso, chegam a exagerar nos trejeitos e comportamentos relacionados à feminilidade, como disse Tatiana, ficando “super afetadas”.

As travestis devem se dedicar à fabricação de um corpo feminino que requer um conhecimento dedicado ao extermínio de pelos, às marcas e produtos para a pele e o corpo assim como ao investimento na educação corporal dos gestos e da fala. São necessários recursos econômicos para obter os melhores produtos e resultados, como nos fala Érika.

A ingestão de hormônios é uma resolução importante na vida de uma travesti, já que se trata de uma metamorfose quase irreversível. Geralmente, essa prática começa na fase inicial da puberdade, quando o corpo ainda não está totalmente desenvolvido (Kulick, 2008). Quanto mais cedo, maior a eficiência do efeito hormonal na feminização dos traços.

Ao investigar a construção do corpo por travestis de baixa renda, Kulick (2008) aponta outra questão que exige delas o jogo de cintura: o uso dos hormônios e a possível redução das ereções. Entre as profissionais do sexo investigadas pelo autor, observou-se o uso de uma dosagem intermediária como resposta ao conflito entre o desejo de transformação corporal rápida e intensa e o possível risco da impotência. Esse jogo de cintura associa-se a um processo de transformação “sem fim” e enreda as travestis em uma dura disciplina corporal e subjetiva, à qual se submetem em busca de alcançar seu objetivo de “feminilização absoluta”.

Viver a travestilidade é constituir um mundo-vida específico e engajar-se em um meio social que muitas vezes se contrapõe às normas sociais heterossexuais. Mas apesar disso, nossas colaboradoras iniciam seu convívio na cultura travesti, movimentando-se, agem colocando sua intencionalidade dotada de sentido. Por outro lado, no entanto, expõem-se à cobrança do universo familiar: “Quando eu comecei a tomar hormônio meu pai nem sabia ainda”, afirma Érika. Defrontam-se também, com a rivalidade entre travestis, como ilustra o caso do aplique de cabelo perdido por Vanessa em uma briga.

Isso mostra a complexidade da vivência travesti que se equilibra sobre diferentes parâmetros. Faz parte deste estar-no-mundo, pois “o corpo é o veículo do ser no mundo; ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, se confundir com certos projetos e se engajar neles continuamente” (Merleau-Ponty, 2006, p. 97).

Os riscos e as limitações dos hormônios fizeram nossas colaboradoras buscar o silicone, como elas nos relatam a seguir na categoria **Plastificando o corpo**:

Agora eu parei também porque eu pus prótese no corpo, aqui no seio. Coloquei silicone aqui na bunda. O silicone é dolorido, né. Mas é uma dor que a gente suporta. Não é aquela dor que você pensa assim “ah, eu não vou aguentar!”. É uma dor suportável. Aí parou de bombar acabou a dor. Aí só o repouso mesmo, que tem que ter né. Fica muito diferente do hormônio, dá mais satisfação pra gente.

Mesmo com a dor a satisfação da gente é maior. Você fica mais à vontade, se sente melhor. Você se sente bem consigo mesma, mais feminina. Se não dar problema durante a bombação é melhor ainda, né. (Érika)

Bombei a bunda, o quadril mas ficaram alguns sinais por causa do silicone e das agulhas. Depois, fui pra Europa, fiquei quatro anos fora do Brasil. Lá na Itália eu lutei pra colocar as próteses de silicone que fica melhor, dá mais glamour. E eu acho que é o sonho de toda travesti, entendeu? Sonho de ser top, de ser respeitada. E depois que põe a prótese você fica mais gloseira [alegre] e todo mundo te olha, quer saber quem é. Você vê que você se transformou, e aí você muda. Se olha diferente. Você vê que você tá diferente do modo que você queria, você se sente bem mais feminina do que masculina. (Tatiana)

Eu coloquei silicone no peito bombando mesmo, dói muito, não recomendo pra ninguém, pois é muito sofrido. Assim, é algo dolorido mas dá o resultado que a gente quer, né. Tem o perigo das lesão, de ficar torto, mas vale a pena. Tem que moderar no silicone. Hoje o que tá abafando é a linha fina, né, magrinha, corpo lisinho. E tem o repouso, né. Você fica deitada pro silicone não escorrer nem sair do lugar. Nossa dói muito mas é diferente pois depois todo mundo olha. Com peito ou sem peito o povo já olha. Com peito o povo olha mais ainda. A autoestima muda né. Você se empolga mais ainda. (Vanessa)

Muitas travestis, inclusive nossas colaboradoras, partilham da ideia de que é perfeitamente legítimo buscar todos os meios para melhorar a aparência e ficar mais bonitas. As transformações desse tipo são esperadas, incentivadas e admiradas (Pelúcio, 2009). No entanto, para poucas é possível ir à Europa refazer ou retocar as aplicações feitas aqui no Brasil. Da mesma forma, ainda são reduzidas as chances de as travestis conseguirem colocar próteses nos seios evitando a bombação e seus riscos.

No relato das colaboradoras, observamos diversas vezes o uso da palavra dor. Ela aparece como uma forma de expressar o sentido das vivências quando passam pelo processo de bombar o corpo. Este processo doloroso e o período de sacrifício e repouso são entendidos como algo normal dentro do projeto de ser travesti: “Mesmo com a dor a satisfação da gente é maior”, diz Érika. Para Andrieu (2004), a postura de suportar a dor reveste este evento com o caráter de um ritual de passagem, de uma inscrição simbólica que, no próprio ato de sua consolidação, permite ao sujeito

passar a um novo estado. Esse é o caso, conhecido, de muitas práticas coletivas próprias a diferentes culturas que ritualizam intervenções irreversíveis sobre o corpo como separação de uma determinada condição de iniciação e alcance do novo *status*. O processo de transformação autoriza atos e gestos diferentes: “A autoestima muda né. Você se empolga mais ainda”, relata Vanessa.

Muitas vezes, um esforço irrealizável, a dor intolerável, o prazer e o aborrecimento são menos função das particularidades individuais que de normas sancionadas pela aprovação ou desaprovação coletivas. A dor da bombação encontra todo seu sentido nestas práticas corporais pertencentes ao universo travesti, pois, “o mundo humano é simbólico, portanto, indeterminado, aberto ao possível, e a ação humana, quando livre, é o poder para transcender uma situação dada de fato por uma outra que lhe confere nova significação” (Chauí, 2002, p. 256).

Tatiana, nos termos das travestis, pode ser considerada uma *top*, diferentemente de Érika e Vanessa que não conseguiram colocar suas próteses em clínicas especializadas. De uma travesti *top* é exigido um cuidado detalhado e minucioso. Se assim não fosse, não poderia assegurar esse título que lhe confere um status diferenciado. Sua aparência impecável, segundo padrões vigentes de beleza (corpo esbelto, pele bronzada, cabelos tratados), revela um alto gasto na busca da feminilização, reforçando o vínculo expresso por diversos segmentos sociais entre beleza e saúde.

Pelúcio (2009) afirma que tal esmero também é esperado das “europeias”, travestis que tiveram experiências internacionais bem-sucedidas financeiramente, o que fica visível não só em bens materiais adquiridos como em uma transformação corporal que pode incluir diversas cirurgias plásticas, que lhes rendem prestígio na rede das travestilidades. Assim, dificilmente *tops* e “europeias” recorrerão ao silicone industrial como solução para os retoques na sua aparência.

Para as travestis, a identidade pessoal se constrói simultaneamente à transformação corporal. O desejo, a dor, o risco, as marcas e o prazer são incorporados e constituem suas histórias de vida que também é a história de um corpo. Dado que somos sujeitos incorporados, nossas opções passadas estão sedimentadas em nosso corpo. “Mas por si mesmos estes traços não remetem ao passado: eles são presentes; e, se encontro ali signos de algum acontecimento ‘anterior’, é porque

tenho, por outras vias, o sentido do passado, é porque trago em mim essa significação” (Merleau-Ponty, 2006, p. 553).

Cada grupo social legitima o tipo de dor que se deve suportar e os rituais que dão significado a esta experiência (Le Breton, 2011). Os valores que compõe o universo travesti dão suporte para que nossas colaboradoras aguentem a dor e passem por este sacrifício. A dor é ingrediente implícito para a aquisição de um novo estado; ela se faz prova que confirma a transição. Nesse sentido, ao falar de sua mãe, o relato de Érika é esclarecedor:

Ela falava que eu não tinha coragem de arrancar um dente, mas faço isso de colocar silicone no corpo. Ela ri de mim quando eu ficava de bunda pra cima pro silicone não vazar. Briga comigo por causa da dor e do risco, mas ela acaba me ajudando.
(Érika)

A dor que se sente não pode ser qualquer uma. Tem de estar relacionada àquilo que se busca ou o seu resultado tem que adquirir um sentido que altere o status e a imagem do sujeito diante do grupo (Anzieu, 2004). É este que estabelece a quantidade de dor suportável ou necessária e, para ser travesti, aguentar a bombação faz parte do processo.

A hormonização, a aplicação do silicone, o uso de acessórios femininos, a mudança no cabelo dentre outros elementos faz parte do ser travesti. No entanto, muitas vezes, esse processo se fortalece com a entrada da travesti no mundo da pista, que vai constituindo o **mundo-vida travesti**. Neste cenário, o corpo receberá mais alguns retoques e a travesti deverá aprender novas técnicas e regras. Neste sentido, nossas colaboradoras relataram o seguinte:

Como eu me prostituo até hoje, preciso do silicone. Já tô meio antiga, né. Eu já fiz muitas coisas. Eu já fumei maconha. É normal como todo mundo faz mesmo, né. Nunca usei demais não. Minha mãe brigava comigo: “Não mexe com droga”. E falava também: “Usa preservativo, viu?”. Tem umas pessoas que dão preservativo pra gente direto, todo mês vem aqui dá caixa de preservativo pra gente. As meninas aqui da DST, lá do ambulatório. (Érika)

Na Europa também se ganha mais dinheiro e ajuda a melhorar o look [visual] da gente. Porque sem um look legal não se faz programa que paga bem. E tem a concorrência das outras travestis que te olham, que humilham. Eu acho que é um tipo de fase que

acho que todas nós temos de superar, conhecer lugares, esse tipo de coisa. E eu recomendo que outras façam isso, não assim, né, sem pensar, né. Porque depende da estrutura, tem que ter estrutura pra ir. Depende de como vai, por onde vai passar, porque tem algumas que vão e são escravizadas, entendeu. (Tatiana)

De vez em quando eu falo que vou ver as meninas na noite. Vejo o trabalho delas ali na pista e penso que não dá mais pra mim. Cair na vida de novo acho que não dá mais. E eu já briguei com as cafetinas daqui. Elas querem é dinheiro. Aquê [dinheiro] todo dia, pagar a diária pra elas. Assim, lógico que você não sabe o dia de amanhã, né. Mais por enquanto eu tô meio passada com essa vida. Eu tenho o meu corpo bombado que me dá a chance de ganhar dinheiro, mas isso é muito cansativo. Acho uó! [ruim, perigoso]. (Vanessa)

A vivência da rua pode ser o único lugar onde as travestis se sintam bonitas e desejadas. É na esquina, avenida ou pista que as travestis têm pela primeira vez a sensação de pertencer a algum lugar, de estar entre iguais (Duque, 2011). A rua pode se apresentar como um ambiente de acolhimento quando meninos efeminados são colocados para fora dos espaços domésticos. Mas não é simples ficar na rua. “Na batalha”, como muitas dizem, há toda uma demarcação de territórios dentro do mercado do sexo, essa divisão se relaciona com o capital corporal de quem divide os espaços, e marca identidades que são classificadas por categorias e hierarquias baseadas no poder econômico e na violência.

Érika nos fala do uso das drogas, do peso da idade e do medo das DST/AIDS. Já Tatiana afirma existir além da violência e do preconceito contra as travestis, a concorrência entre elas mesmas na busca por programas e por espaços. Por sua vez, Vanessa relata a relação conflituosa entre travestis e cafetinas que cobram a diária do ponto ou do aluguel. Dos relatos, observam diferentes elementos que compõem este universo e com os quais uma travesti terá de aprender a conviver no processo de construção de sua travestilidade e corporeidade.

Ser travesti é compartilhar de aspectos negativos socialmente, pois elas são vistas como seres abjetos, grotescos, etc. (Peres, 2004). Nesse sentido, é preciso ter estrutura, como afirma Tatiana, para suportar a violência e permanecer “em cima do salto”. Ao instaurar o diálogo com as outras pessoas que, muitas

vezes, as ignoram ou ameaçam, as travestis acabam construindo conceitos negativos sobre si mesmas, introjetando o preconceito. “Tudo se passa como se a intenção do outro habitasse meu corpo ou como se minhas intenções habitassem o seu” (Merleau-Ponty, 2006, p. 251).

Outra questão que podemos destacar é o uso por Vanessa do termo “cair na vida” para se referir à participação no universo da prostituição. Ao utilizar essa expressão, ela designa algo negativo semelhante à metáfora “cair no buraco”. Aqui, poderíamos trazer diversas expressões, no entanto, pode-se indicar que na fenomenologia merleau-pontyana o espaço é sempre espaço tímico, ou seja, todo espaço ou lugar é afetado por uma coloração afetiva fundamental. “O espaço não é o ambiente (real ou lógico) em que as coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível” (Merleau-Ponty, 2006, p. 328).

Para Chamond (2011), a imagem da queda expressa uma possibilidade concreta da espacialidade vivida, do corpo habitando o espaço: ela é uma estrutura antropológica do mundo, uma forma de habitá-lo, aquela da perda do apoio e da harmonia, da ruptura em uma corporeidade tranquila. No caso das travestis, o “cair na vida” traduz a essência mesma da perda do suporte familiar, da ruptura com a vida anterior e do mergulho em um mundo violento. A queda descreve uma possibilidade fundamental de ser no mundo: a perda do equilíbrio, o colapso, o terror, a vivência do desamparo.

Viver em risco faz parte do mundo-vida travesti e neste caso a “queda” pode tomar significados particulares, por exemplo, psíquicos, espaciais, espirituais, etc. Usar drogas, contrair alguma doença, ser humilhada e violentada são possibilidades dentro deste universo onde o cair e o levantar fazem parte e no qual é necessário se arriscar para sobreviver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso tempo histórico nos traz a possibilidade de intervir em nossos corpos com técnicas e instrumentos que podem mudar radicalmente nossa corporeidade. As intervenções corporais nos possibilitam atualmente até mudar de sexo ou mesmo transformar radicalmente nosso gênero. Situadas neste *ethos*, as travestis compartilham dessas perspectivas, mas não buscam a mudança de sexo como fazem as transexuais, elas

mantêm o pênis, que no mercado do sexo é um importante chamariz.

Na constituição e fluidez de seu mundo-vida, as travestis expressam singularidades possíveis em consequência de uma trajetória criadora e transformadora que faz das travestilidades ensaios de enfrentamento aos padrões normativos que insistem em se fixar em seus corpos, sensibilidades e pensamentos. Suas histórias de vida nos ajudam a compreender os significados que atribuem a esse processo de transformação. Uma travesti não se faz somente com roupas e adereços femininos, mas também com hormônios para arredondar o corpo, com silicone para dar forma e volume aos seios e quadris. A dor durante este processo dá sentido e dignifica suas vivências e marca suas histórias.

As histórias por nós analisadas fazem refletir sobre as trajetórias daqueles/daquelas que rompem com as normas sociais e os padrões de gênero assumindo um lugar que lhes permita sentir-se bem, satisfazer seus desejos e construir uma estilística do existir que expresse sua singularidade humana, mesmo que isso signifique sofrer violações e violências e até mesmo correr riscos de vida.

Nossa perspectiva é de que as investigações e os estudos sobre o universo *trans* deverão priorizar análises que positivem suas vivências e trajetórias existenciais e rompam com as categorizações patologizantes, com os pensamentos binários e sedentários, de modo a ampliar o debate e resignificar conceitos e metodologias de compreensão das possibilidades da existência humana. Torna-se fundamental que políticas de atenção a esse grupo trabalhem os sentidos da corporeidade, seu empoderamento, e, a partir de então, criem-se estratégias de apoio às essas pessoas como cidadãs, seres-no-mundo.

O envolvimento e o caminhar com nossas colaboradoras nos permitiram a experiência, a reflexão e a compreensão de sentidos constituídos nessa jornada. Concluímos, então, que o acesso a esses sentidos não pode ser tomado de sobrevoos, mas sim através da ancoragem do fenômeno situado, da experiência vivida que permite o acréscimo de significados históricos, sociais, culturais, afetivos. Não se propõe aqui a busca do sentido definitivo das coisas ou das vivências de nossas colaboradoras, mas buscamos nos mantermos nesse caminho. Retomamos, por fim, a perspectiva de Merleau-Ponty sobre o método fenomenológico que,

para ele, trata de um ‘método’ erótico, enamorado pela vida e que se empenha em mostrar sua fecundidade.

REFERÊNCIAS

- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. (2011). *Critério de classificação econômica Brasil*. Retirado de <http://www.abep.org.br/apx/classificacao>
- Andrieu, B. (2004). *A nova filosofia do corpo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Benedetti, M. (2005). *Toda Feita: corpo e gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Bruns, M. A. (2007). A redução fenomenológica em Hursel e a possibilidade de superar os impasses da dicotomia subjetividade/objetividade. In: Bruns, M. A. & Holanda, A. (Eds.). *Psicologia e Pesquisa Fenomenológica: reflexões e perspectivas* (pp. 65-76). São Paulo: Alínea.
- Chamond, J. (2011). Fenomenologia e Psicopatologia do espaço vivido segundo Ludwig Binswanger: uma Introdução. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 17, 3-7.
- Chauí, M. (2002). *A experiência do pensamento*. Ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty. São Paulo: Martins Fontes.
- Dantas, J. (2011). Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 11(3), 898-912.
- Duque, T. (2011). *Montagens e desmontagens*. Desejo, estigma e vergonha entre travestis. São Paulo: Annablume.
- Dutra, E. (2002). A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia* (Natal), 7(2), 34-46.
- Furlan, R. (2008). A questão do método na psicologia. *Psicologia em Estudo*, 13, 25-33.
- Holanda, A. (2009). Fenomenologia e Psicologia: Diálogos e Interlocações. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 15(2): 87-92.
- Kulick, D. (2008). *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Le Breton, D. (2011). *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis: Vozes.
- Merleau-Ponty, M. (2006). *Fenomenologia da percepção*. 3ª ed., Rio de Janeiro: Martins Fontes.
- Moreira, D. (2004). *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira.
- Nóbrega, T. (2010). *Uma fenomenologia do corpo*. São Paulo: Editora Livraria da Física.
- Ortega, F. (2008). *O corpo incerto*. Corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Garamond.

Pelúcio, L. (2009). *Abjeção e desejo: Uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo: FAPESP.

Peres, W. (2004) Travestis: subjetividades em construção permanente. In: Uziel, A., Rios, L. & Parker, R. (Org.), *Construções da sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de AIDS*. (p. 115-128). Rio de Janeiro: Pallas.

Recebido em: 28/11/2012
Última revisão em: 08/11/2014
Aceito em: 06/02/2015